



## **O RESENTIMENTO, O ESQUECIMENTO E O RISO: AS METAMORFOSES DA MEMÓRIA DOS IDOSOS NUMA PERSPECTIVA NIETZSCHIANA E SEUS DIÁLOGOS COM A PSICOMOTRICIDADE\***

CAMPELLO, M. Cristie

*Professora da UnATI/UERJ e COART/UERJ, Mestre em Memória Social, Especialista em Gerontologia UnATI/UERJ, Psicomotricista  
cristie.campello@ig.com.br*

75

### **RESUMO**

Partindo de uma experiência com idosos, na oficina de psicomotricidade, cinema e memória da UnATI/UERJ, durante 16 anos e, atualmente, na COART/UERJ, pretendemos, com este trabalho, percorrer as transformações ocorridas em sua maneira de lidar com suas memórias, tendo, como eixo conceitual as três metamorfoses nietzschianas e o encontro das imagens nietzschianas com o cinema. Assim, as imagens do camelo, do leão e da criança, desdobradas nas três metamorfoses, nos servirão de guia para analisarmos os diversos momentos dos idosos na oficina. O momento de chegada dos idosos, na oficina, será, então, permeado pela imagem do camelo, nos remetendo a análise da noção de ressentimento que, por sua vez está atrelado ao peso. Nesse momento, discutiremos o efeito do cinema clássico na trajetória destes idosos na oficina. Num segundo momento, a noção de força, nos guiará para um primeiro desdobramento da memória, chamado “momento leão”, no qual o idoso descobre a sua potência a partir de uma relação ativa com o passado, enfrentando a mágoa e o ressentimento e finalmente, o esquecimento atrelado ao riso, tendo como aliado o cinema chapliniano. Por fim, a relação do riso e do esquecimento nos permitirá analisar o momento mais criativo, ativo e alegre desses idosos, quando entregues ao riso provocado pelos filmes da chanchada, pelas experiências em grupo e pelo esquecimento de experiências amargas e dolorosas, constroem, em conjunto, uma memória nova, criativa, afirmativa.

**Palavras chave:** ressentimento, esquecimento, riso

### **ABSTRACT**

Starting with a vast experience with older people in the UnATI's/UERJ workshop of body, cinema and memory, during 16 years and, actually, in the COART's/UERJ we intend, with this work, to pass through the changes in its own way of dealing with their memories and, as conceptual axis, the three Nietzschean metamorphoses and the meeting of the Nietzschean's images with the cinema, and, as the axis methodology, a fieldwork which focused on an action-research by collecting eighteen statements, which resulted in a video and that will illustrate our conceptual bet. This methodological tool gave us freedom to break up with a neutral and directive model of fieldwork, providing a way of affecting and being affected by the chance of forces that emerged from (and during) the meetings, opening path “to the voice and to the turn” of what was muted by the elderly and the researcher, producing in this way, metamorphosis in writing, in image and in action. Thus, the images of the camel, the lion and the child, unfolded in the three metamorphoses, serve as a guide in reviewing the various moments of the elderly in the workshop. The time of arrival of the elderly in the workshop, will then be permeated by the image of camel, referring to the analysis of the concept of resentment, which in turn is tied to the weight. At that point, we will discuss the effect of classic cinema in the path of the elderly in the workshop. Secondly, the notion of strength will guide us for a first deployment of memory, called “lion moment”, in which the elderly find its power from an active relationship with the past, experiencing the bitterness and resentment and finally, the forgetfulness coupled to laughter, having the Chaplin's films ally. Finally, the relationship of laughter and forgetting will allow us to analyze the moments that are more creative, active and happy of these elderly, when delivered to the laughter provoked by the chanchada films, by the experiences in group and the oblivion of bitter and painful experiences, build on together a new memory, creative and affirmative.

**Key words:** anger, forgetfulness, laughter



## 1. Introdução

Este é um artigo que vem apresentar uma prática, a Oficina de Psicomotricidade, Cinema e Memória que atuou, durante 16 anos na UnATI/UERJ (Universidade Aberta da Terceira Idade) e que, há 1 ano, migrou para a COART/UERJ (Centro Cultural da UERJ) que dá origem a esse artigo é, até este momento, uma experiência de 17 anos com o trabalho da psicomotricidade para idosos. Observamos, durante esse tempo, o quanto essa ciência pode proporcionar de qualidade de vida a pessoas que já se sentiam no ocaso da vida, pensando na sua finitude, cansados e desistindo de viver e se perguntando: “Qual é o sentido de tanto empenho para viver aos 80, 90 anos ou mais?” Os alunos que freqüentam esta Oficina podem responder com seus corpos saudáveis, sua alegria conquistada, seu riso liberto, sua espontaneidade de movimentos, seus talentos expressados, etc...Para eles, a juventude deixou de ser uma fase da vida para ser uma meta a ser alcançada, ou seja, é algo do espírito e não do calendário. Observando esses idosos podemos perceber que a velhice ficou velha, o que importa é esse momento da vida como um novo tempo, propício a novas conquistas e a busca de satisfação pessoal. Propomos com este trabalho a busca de um novo papel social para o idoso e, com isso, podemos perguntar: “Quem são os novos idosos?” São aqueles que pensam que o mais importante não é o viver mais e, sim, colocar maior qualidade de vida aos anos que restam. Esses são os idosos que freqüentam a nossa Oficina.

Disse um idoso: “Envelhecer é uma arte, escolha as suas tintas. Está na nossa mão optar por um jardim colorido ou por um borrão acinzentado”.

O que nos interessa na Oficina de Psicomotricidade, Cinema e Memória é a imagem que cada idoso tem do seu próprio corpo quando chega ao seu primeiro encontro e como que essa imagem imprime nesse corpo suas marcas, suas memórias, seus ressentimentos. O que vamos trabalhando, ao longo da Oficina, é essa imagem corporal. Vamos percebendo que é, através de um corpo vivido, imaginado e, não, de um corpo visto e real que a imagem corporal se apresenta. Buscamos com o trabalho da imagem do cinema, das cenas de filmes, que essa imagem corporal vá se aproximando, cada vez mais, do seu caráter de realidade, vá deixando para trás seus fantasmas, seus espectros e que, através das expressões simbólicas que as cenas vão inspirando, os verdadeiros talentos, sufocados por esse dilacerante imaginário e pela aproximação,



cada vez, mais angustiante da morte, que o corpo se façam presentes e atuais pela potência da alegria.

Um trabalho de Psicomotricidade com idosos é, hoje, desafiador, revolucionário e, totalmente, necessário e obrigatório, numa sociedade que está envelhecendo com muita rapidez, onde o número de nascimentos está diminuindo, onde crianças, adolescentes e jovens estão desaparecendo prematuramente, portanto, esta é uma demanda, não, apenas, social, política, educativa, mas, acima de tudo, clínica e terapêutica.

O autor que privilegiamos para nosso suporte teórico, nesta prática, é o filósofo F. Nietzsche.

O riso é um dos principais eixos deste trabalho, conforme a proposta de Nietzsche que o valorizou, ao longo de sua obra. Para ele, o riso, o jogo e a dança são aspectos da vida que estão ligados à arte e à criação em geral. Através destas ações, podemos re-encontrar a potência criativa, aprender a jogar com a vida e nos expressar através de experiências e afetos não através de lembranças dolorosas.

O estilo nietzschiano de expressão artística, inaugurado na sua obra *Assim falou Zaratustra*, inspira o trabalho que realizamos com idosos, na oficina de psicomotricidade, cinema e memória que desenvolvemos, há dezesseis anos, na UnATI/UERJ e, há um ano, na COART/UERJ. A identificação com o autor e, especificamente, com o texto “Das três metamorfoses” foi imediata a ponto de, ao ser trabalhado em sala de aula, influenciar profundamente os alunos no que tange a relação que eles estabeleciam com a vida. Este encontro não é uma identificação apenas porque a linguagem do *Zaratustra* seja poética, mas sim, porque ela nos convida a sair da linguagem convencional para nos encontrarmos no registro dos afetos, que são, para Nietzsche, forças (Marton, 1990, p. 50-7) Esses idosos são afetados, no trabalho realizado na oficina, através de propostas artísticas.

Um método fundamental empregado é o *encontro* na arte. Principalmente, assistimos filmes - muitos deles cômicos, outros dramáticos -, que nos colocam diante de situações afetivas, de idéias, sensações e percepções que levam os idosos a refletir sobre suas vivências, seus anseios, decepções, alegrias, isto é, diante das suas memórias (Ecléia Bosi, 1999) e, para nossa surpresa, diante da possibilidade de construção de outras memórias. Assim, neste trabalho ecoa a inspiração nietzschiana, pois a arte serve



como veículo privilegiado para aprofundar nos próprios afetos, no percurso singular de cada idoso.

Quando o velho procura a oficina, ele chega com um peso, carregado, ressentido. Embora nem todos os idosos procurem a instituição por conta própria, pois na maioria das vezes eles conhecem o espaço por indicação dos familiares, um primeiro movimento se inaugura, quando eles tentam superar experiências negativas. O velho vai a oficina em busca de uma transformação e, durante o seu percurso, importantes mudanças terão impacto no seu modo de ser. Poderíamos sintetizar esse processo, assinalando que o idoso deixa de agir como “o espírito que suporta” para tornar-se um homem que busca “encarar” o próprio peso, para, mais tarde, abandoná-lo, ultrapassá-lo. *Isso não seria justamente o percurso das três metamorfoses: camelo, leão e criança?* (Fink, 1983, p. 76-80) Consideramos que sim, principalmente, a partir da análise da experiência dos próprios idosos.

O valor do riso, ligado à experiência com o cinema, fica claro na fala de um aluno: “Quando se vê um filme se tem permissão para rir”. O cinema torna-se uma possibilidade de estimular uma vida mais leve e saudável, como convite à alegria e à risada espontânea. O cinema mexe com imagens, lembremos que a proposta fundamental do estilo de *Assim falou Zaratustra* consiste em elaborar uma filosofia artística, povoada de metáforas e símbolos, como podemos ver na comentada passagem “Das três metamorfoses”.

Queremos frisar a importância de interpretar Nietzsche e suas idéias no campo da memória e apontar as metamorfoses ocorridas na memória dos idosos em seu percurso junto à oficina de psicomotricidade, cinema e memória. As imagens do camelo, do leão e da criança nos servirão de guia para analisarmos os diversos momentos dos idosos na oficina. Por este motivo, analisaremos a noção de ressentimento, vinculado ao peso e ao “momento camelo”: a chegada dos idosos na oficina, a noção de força, que apontaria para um primeiro desdobramento da memória, chamado “momento leão”: quando o velho descobre a sua potência a partir de uma relação ativa com o passado, enfrentando a mágoa e o ressentimento e finalmente o esquecimento atrelado ao riso. A questão da memória e do esquecimento é abordada desde o início da obra nietzschiana. Lembremos que, na *Segunda Consideração Intempestiva*, Nietzsche vai problematizar a utilidade e desvantagem da história para a



vida. Em *Assim falou Zaratustra* são valorizados o riso, a dança e o canto como eixo de uma filosofia afirmativa. Já em *Genealogia da moral*, o autor focaliza o fenômeno do ressentimento, da memória e sua gestação, do esquecimento como atividade fundamental para uma vida afirmativa, saudável. A relação do riso e do esquecimento nos permitirá analisar o momento mais criativo, ativo e alegre desses idosos, quando entregues ao riso provocado pelos filmes, pelas experiências em grupo, pelo esquecimento de experiências amargas e dolorosas, construindo em conjunto uma memória nova, criativa, afirmativa.

No início do trabalho, a proposta consistiu em que os alunos assistissem às cenas dos filmes que suscitassem algum vínculo com um momento de suas vidas, por isso escolhemos filmes que eles conheciam bem, que faziam parte de suas memórias. O objetivo era que, ao verem os filmes, eles trouxessem lembranças daqueles momentos e, transportando-os para o presente, estivessem prontos para transformá-las. Em outras palavras, visávamos a que as imagens evocassem o passado dos idosos, que diante dessas lembranças tivessem uma atitude diferente: uma postura nova, criativa, face ao passado, proporcionada pela leveza da obra de arte que eles estavam presenciando.

Após assistir a uma cena com Oscarito e Grande Otelo, um idoso pronunciou a frase: “Professora, acabei de oxigenar meu cérebro”. Quando ele acabou de proferir a frase e, após rir, perguntamos como ele estava se sentindo e ouvimos: “Estou me sentindo leve”.

A partir desta cena, pudemos perceber que o cinema do riso poderia ter uma importância fundamental para influenciar as memórias dos velhos, pois foi a partir desse momento que o idoso pode, após assistir um filme cômico, *digerir* as mazelas de sua vida, se *oxigenar* e ficar leve.

Esta experiência foi um marco inicial para percebermos a importância de estudar questões que apareciam ao longo de nosso trabalho com os idosos e que poderiam contribuir para melhorar sua relação com a vida. Temas como memória, ressentimento, esquecimento e riso poderiam tornar-se relevantes e serem aproveitados para suscitar uma reflexão mais abrangente sobre a relação do homem com seu passado, principalmente com experiências *negativas*, com *lembranças* desagradáveis, dolorosas. Esses relatos podem ser aproveitados para indicar uma postura mais saudável perante a vida. Não é possível ignorar essas vozes de indivíduos experientes, vividos, próximos



do final das suas existências. Muito pelo contrário, torna-se imprescindível deixá-las falar; através dessas vozes podemos refletir sobre questões fundamentais, não só dos idosos, mas válidas para todos: crianças, jovens, adultos. Será mister refletir sobre como lidar com as experiências do passado, como posicionar-nos diante das lembranças: o que devemos acolher, o que devemos rejeitar, o que devemos *eliminar, deixar para trás?* O que devemos lembrar? O que devemos esquecer?

## **2. Oficina de psicomotricidade, cinema e memória da UNATI/UERJ e da COART/UERJ: uma experiência e um processo de vidas**

O objetivo deste estudo é analisar as percepções e sentimentos manifestados por alunos idosos, na prática da Oficina de Psicomotricidade, Cinema e Memória da UnATI/UERJ e da COART/UERJ, à luz de conceitos filosóficos nietzschianos de memória, ressentimento, força, esquecimento e riso. Focaremos também as vantagens e desvantagens do uso da memória para a vida e, para isso, analisaremos, na vivência com os idosos, como se processa o despertar para outras memórias que não mais aquela que intoxica a vida. Visamos mostrar que a memória tem metamorfoses. Eis o convite feito por eles a nós e eis a potência do encontro deles com Nietzsche.

A elaboração, a estruturação e a compreensão dos relatos dos idosos foram inspiradas pelo percurso das mudanças do espírito, relatado em “Das Três Metamorfoses”, de *Assim Falou Zarathustra*. Essas imagens tornam-se a coluna vertebral do trabalho, que é estruturado em três cenas. Cada cena vai focalizar uma das figuras de “Das Três Metamorfoses”, a saber: o camelo, o leão e a criança. A proposta de empregarmos este texto como eixo do nosso trabalho não decorre de uma escolha impensada e, sim, porque o seu conteúdo e a expressividade de suas imagens, conforme propomos neste artigo, permite iluminar o trabalho que realizamos com os idosos.

O primeiro momento intitulada “A memória e o ressentimento” analisa a cena da chegada do velho à Oficina, entendido como um “carregador de pesos”: trata-se do momento do camelo e dos efeitos da exibição de filmes clássicos. O segundo momento intitulado “A memória e a força” enfoca a cena do velho descobrindo sua potência: trata-se do momento do leão e da análise da exibição de filmes de Charles Chaplin. O terceiro momento, intitulado “O esquecimento e o riso: para além da criança



nietzschiana”, traz a cena do velho (re) encontrando o riso e o efeito dos filmes de chanchada na sua relação com a memória. Neles, como as figuras do Zaratustra, percebemos um momento de peso (como o do camelo), outro de reação (como o do leão) e finalmente uma instância leve e afirmativa, como a da criança, mas, conforme vemos, esta instância estaria mais ligada ao riso do que à criança nietzschiana.

Convém salientar que esses “estágios” podem exprimir as mudanças de um único idoso (ou de vários), não sendo, portanto, modelos de existência, formas definitivas porque isso remeteria ao plano das essências e não ao plano da potência. Nietzsche não afirma a existência de oposições, dicotomias excludentes, por este motivo ele falará de um “não” que deriva de um “sim” e de um “sim” que deriva de um “não”. Lembremos que, em *Além do bem e do mal*, aforismo 2, o autor sustenta que é possível algo surgir do seu oposto, que num mundo em devir são inúmeras as perspectivas, as mudanças de posição, as contradições. Nesse livro, quando Nietzsche questiona os metafísicos que sustentam a oposição de valores; ele valoriza os filósofos que enxergam as contradições, as nuances no devir, o “talvez”, a indefinição que é própria do vir-a-ser: “Talvez! – Mas quem se mostra disposto a ocupar-se de tais perigosos ‘talvezes’? Para isto será preciso esperar o advento de uma nova espécie de filósofos, que tenham gosto e pendor diversos, contrários ao daqueles que até agora existiram – filósofos do perigoso ‘talvez’ a todo custo”.

Destacamos que o fato do trabalho estar estruturado em *cenar*, não se dá como uma licença poética ou um deslize no trabalho argumentativo, mas de uma escolha por um discurso que trabalha com imagens, que emprega imagens para apoiar a argumentação. As imagens podem estruturar um discurso. É possível *mostrar* o percurso dos idosos como um *filme*, que retrata cenas de vida. Idosos que são ora camelo, ora leão e que finalmente re-encontram a sua criança. Trabalhamos com filmes na oficina, então, também é possível *re-ver* o percurso desses idosos como um filme que retrata a passagem do ressentimento, do peso, à alegria, ao esquecimento, ao riso criador.

Com isso estamos dizendo que houve deslocamento de perspectivas, fazendo-os deslizar do camelo para o leão, do leão para a criança e algumas vezes retornar para o camelo, outras ir da criança para o leão etc. Estas oscilações só comprovam que tais momentos não são estanques porque, nascidas de um processo, são atravessadas por



forças que não se reduzem a uma interpretação evolutiva para a vida, mas que constroem a vida o tempo todo. Com isso, novas memórias se instalam a partir de novos encontros que, por sua vez, possibilitam a criação de novos sentidos. Neles, não há uma prioridade em que se atinja a “perfeição”, como se a perfeição fosse o momento criança, mas talvez a perfeição seja a possibilidade de afirmação da força que se tem.

Descobrimos, também, que, criança eles já foram; a cultura, muitas vezes, os infantiliza, e, isto, eles não querem, então resistem a esta imagem. Isso nos parece saudável. O leão é o que os faz estar vivos na vida. Estes velhos nos mostram que o Leão para eles, é vida, é força. Com a imagem do leão, eles identificam o esquecimento que, para Nietzsche, está na figura da Criança. Na figura do Leão, eles encontram a potência e esquecem suas mazelas.

Criança, no entendimento deles, já foram e, não querem voltar a sê-lo; retornar à criança, para eles, é um retrocesso. Esquecer, para eles, é perder as lembranças dos amigos, dos companheiros, enfim, lembranças da vida. Esquecer, para eles, é adoecer, é demenciar. Com isto, observamos como é difícil, para muitos deles, a abstração e, chegarem à compreensão destas três imagens nietzschianas exatamente como o filósofo nos apresenta no seu Zaratustra. É mais fácil, escutando estes idosos, eles entenderem a imagem do Camelo como carga e peso e a do Leão como força, poder e resistência à imagem que a cultura constrói do velho. Então, podemos perceber que a saúde, para eles, encontra-se na força do Leão. A auto-estima é chegar a tornar-se Leão. Criança é, como já dissemos, retroceder na vida, é deixar de lado tudo aquilo que já conquistaram, é perder o seu chão. Até porque eles já vêem na família, a presença dos netos e bisnetos, as crianças da família, que, por muitas vezes, são eles próprios que os cuidam. Portanto, na sua ótica, seria como voltar à infância, se igualarem a seus netos e bisnetos. E, sob este aspecto, podemos dizer que a perspectiva que criam, neste momento, está para além da criança nietzschiana.

Quando encontramos o riso e o esquecimento na experiência com os idosos, o que observamos foi que aquilo que estava em jogo era à busca da saúde. Esta foi representada por intermédio da imagem do leão. Foi através do leão que a vida deles se fez arte, foi através do encontro com esta potência possibilitada pelo encontro com outros idosos e com o cinema de Chaplin e da Chanchada que eles puderam olhar para a vida desde um outro lugar. Não mais eles ocupam o lugar do peso, mas o da própria





vida, com suas dores e alegrias, suavizadas pela construção de uma visão estética da existência.

Para que essa nova saúde surja, o esquecimento precisa estar atrelado à alegria e é este exercício que a Oficina de Psicomotricidade, Cinema e Memória proporciona aos idosos. Nela, não se suspeita da alegria porque as pessoas não se encontram mais magoadas com a vida, abandonam ressentimentos e, podem, finalmente saborear a embriaguez da vida, sem medo e preconceitos. Podemos dizer que a proposta da Oficina de Psicomotricidade, Cinema e Memória consiste em que, apesar de toda dor, todo sofrimento, todo preconceito que eles viveram ao longo da sua vida, eles construam algo decisivo, que é “agarrar” a vida em sua totalidade, com todas as suas tonalidades e transformar cada instante em algo extraordinário, no qual o riso seja o estímulo fundamental dessa metamorfose, desse encontro com a grandeza de viver.

A maioria dos idosos consideram a figura do leão como a sua metamorfose mais significativa e importante. O leão como a sua última metamorfose. No leão, eles encontram a sua criança. Pois, com o leão, encontram a sua força, a sua potência e a sua alegria. Com o leão eles esquecem que já foram camelo. O leão é a volta à vida, é a sua possibilidade de sair do camelo. O leão os arranca do corpo encurvado do camelo e os coloca eretos, com força nas pernas, para caminharem pela vida. Portanto, o leão, é, para eles, o salto para a vida. É o rugido, o seu grito de liberdade. É a terra, o seu chão, pois a figura do leão está fincada ao solo. É a conquista da autonomia e da liberdade e, a partir desta conquista, a alegria e o riso os invade. Com o Leão eles atingem o esquecimento que, para Nietzsche, está ligado à figura da Criança.

### **3. Considerações finais**

Então, posso afirmar que, a partir das aulas, venho observando que, para a maioria dos idosos, chegar ao leão é a última metamorfose e a mais importante mas, para outros atingir a criança é fundamental para as suas vidas. Como, para Nietzsche, a metamorfose na criança está ligada à criação do novo, observo que, quase todos os idosos, procuram a oficina para esta transformação, de uma vida que não suportam mais, para uma nova vida, introduzindo novos valores ao seu viver.



Observamos, também, que alguns idosos chegam a uma leveza na vida que é, exatamente, o que pertence à criança nietzschiana. O que Nietzsche propõe nesta metamorfose é o esquecimento ativo e afirmativo, em absoluto o esquecimento negativo que o velho tem tanto medo de viver.

Portanto, o que está em jogo aqui é a vida sem roteiro, com seus vícios, suas perdas, seus encontros e desencontros, enfim, a vida que pulsa e expulsa qualquer previsão.

O trabalho continua...

Caminhamos para a sua aurora: o devir – envelhecimento. Para refletirmos sobre este pensamento trago citação dos filósofos G. Deleuze e F. Guattari: *saber envelhecer não é permanecer jovem, é extrair de sua idade as partículas, as velocidades e lentidões, os fluxos que constituem a juventude desta idade* (ano 1980; pág. 73).

\*Este artigo apresenta as idéias principais da dissertação em Memória Social, defendida por Cristie de Moraes Campello no PPGMS, na UNIRIO, em 2008 sob a orientação do professor Miguel Angel de Barrenechea e do trabalho final da Especialização em Geriatria e Gerontologia da UnATI/UERJ sob a orientação da professora Célia Pereira Caldas.

## Referências Bibliográficas

AUGUSTO, Sérgio. *Este mundo é um pandeiro: a chanchada de Getúlio a JK*. São Paulo: Cinemateca Brasileira: Companhia das Letras, 1989.

BARRENECHEA, Miguel Angel. *Tragédia hoje: a contemporaneidade do arcaico*. In: *Assim falou Nietzsche II: memória, tragédia e cultura*, organizadores Charles Feitosa, Miguel A. Barrenechea. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e a Liberdade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche: a memória, o esquecimento e a alegria da superfície*, in: *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação: Assim falou Nietzsche V*. Ângela Maria Souza Martins...[ et al.]; Charles Feitosa, Miguel Angel de Barrenechea; Paulo Pinheiro 9orgs)]. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: UNIRIO; Capes, 2006.

BERGSON, Henri. *O riso*. Trad. Ivone Castilho Benedetti, São Paulo: Martins Fontes, 2001.



BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade*. Lembrança de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

CALDAS, Célia Pereira. *Memória, Trabalho e Velhice. Um Estudo das Memórias de Velhos Trabalhadores*. In: *Memórias de Velhos trabalhadores*. Dissertação de mestrado em saúde coletiva, Rio de Janeiro, 1993.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Ed. Rio, s/d.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, s/d.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs, vol. 4*. Editora 34, São Paulo, 1980.

FRANCO FERRAZ, Maria Cristina. *Nietzsche. O bufão dos deuses*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. *Nove variações sobre temas nietzschianos*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. *Teatro e máscara no pensamento de Nietzsche*. In: *Assim falou Nietzsche II*. Organizadores: Miguel Angel de Barrenechea e Charles Feitosa. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000, p. 37-48.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche, a negatividade e a antropofagia: do cordeiro e da ave de rapina ao jabuti*. In: DIAS, Rosa; PAZ, Gaspar; OLIVEIRA, Ana Lucia. (Org.). *Arte brasileira e filosofia*. Rio de Janeiro: Editora UAPÊ, 2007, v. , p. 302-312.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche, O bufão dos deuses*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Presença, 1983.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a Verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *Zarathustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MARINHO, Flávio. *Oscarito: o riso e o riso*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MATTOS-CRUZ, José de. *Charles Chaplin: a vida, o mito, os filmes*. Ed. Veja, Lisboa, data?

MENDONÇA, Paulo. *Carlitos: um menino pobre cria uma arte nova*. Ed. Três. Coleção Hoje, 1975.

ROSSET, Clément. *Alegria: a força maior*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SUAREZ, Rosana. *Nietzsche comediantes : a filosofia na ótica irreverente de Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.



THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1988.

#### OBRAS DE NIETZSCHE:

NIETZSCHE, F. W. . *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, trad. Paulo César de Souza.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, trad. Mário da Silva.

\_\_\_\_\_. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, trad. Paulo César de Souza

\_\_\_\_\_. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, trad. Paulo César de Souza.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral*. S. Paulo: Brasiliense, 1987, trad. Paulo César de Souza.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos ou como filosofar com um martelo*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. trad. Marco Antonio Casanova.

\_\_\_\_\_. *O Nascimento da tragédia*, 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1992, trad. J.Guinsburg.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo: Como alguém se torna o que se é*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1995, trad. Paulo César de Souza.

\_\_\_\_\_. *Segunda Consideração Intempestiva*. Da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, trad. Marco Antônio Casanova.

#### OBRAS DE PSICOMOTRICIDADE E ENVELHECIMENTO:

BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

CABRAL, S. V. *Psicomotricidade Relacional – Prática Clínica e Escolar*. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

FERREIRA, Carlos Alberto Mattos (org.). *Psicomotricidade – Da educação infantil à gerontologia – Teoria e Prática*. São Paulo: Lovise, 2000.

GOLDENBERG, Miriam. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LAPIERRE, A; AUCOUTURIER, B. *A Simbologia do Movimento – Psicomotricidade e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LEVIN, E. *A Clínica Psicomotora – O corpo na linguagem*. Petrópolis: Vozes, 1995.



MACHADO, Dulcinéa da Mata Ribeiro (org.). *Espiritualidade e finitude – aspectos psicológicos*. São Paulo: Paulus, 2006.

NETTO, Matheus Papaléo. (org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2ª. Ed. São Paulo: Atheneu, 2007.

VERAS, RP; CALDAS, Célia Pereira. *UnATI/UERJ – 10 anos: um modelo de cuidado integral para a população que envelhece*. Rio de Janeiro: UnATI/UERJ, 2004

\_\_\_\_\_. *A promoção de saúde de uma população que envelhece. Envelhecimento humano: campo de saberes e práticas em saúde coletiva*. Ijuí, RS: UNIJUI, 2009.

VERAS, RP (org). *Terceira Idade – Alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: UnATI/UERJ: Relume Dumará, 1999.